

Daniel dos Santos Teixeira

Graduado em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (UEMA);
Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (Faculdade Única).

José Genésio Lima da Silva

Especialista em psicopedagogia (UEMA);
Especialista em linguística aplicada (FAERPI);
Especialista gestão e supervisão escolar (CESM);
Mestrando em Educação (Universidade Leonardo da Vinci).

RESUMO

As interações entre os sujeitos acontecem por meio da comunicação. A linguagem, pois, é de extrema necessidade nas relações sociais e, dessa forma, torna-se objeto de pesquisa nos estudos acadêmicos. Dado isso, este trabalho, então, tem como fator de observação científica os estudos de linguagem, buscando entender conceitos sobre Linguística, Sociolinguística e Gramática. Caracteriza-se como um estudo bibliográfico, permeando os estudos (socio) linguísticos, sobressai-se como explicadores destes fenômenos Fiorin (2015), Freitag (2007) e Labov (2014). Dos estudos para compreensão da mudança e preconceito linguístico, fator de observação maior deste trabalho, utilizou-se como base os estudos de Bagno (2013 - 2014).

Palavras-chave: estudos de linguagem. Linguística. Gramática. Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A língua evolui de acordo com as necessidades de seus usuários. E os usuários se fazem por meio língua. Dessa forma, diz-se que o ser humano tem a necessidade de comunicação e por meio dela cria-se e faz-se socialmente. Explica Bagno (2014) que “ser humano é ser na linguagem”. Desse modo, compreende-se que a relação “ser humano x linguagem” é contínua e necessária.

Por meio disso, torna-se é necessário falar da historicidade das línguas. Elas possuem a capacidade de evoluir de acordo com a própria evolução humana. Assim, sofrendo mutações ao longo do tempo, ela molda-se de acordo com as necessidades. Nesse sentido, ela é:

Uma força motora de coesão social, ela é preservada e transformada pelos membros de uma comunidade

humana e por isso, sujeita aos fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo **culturais** dessa comunidade. Nesse sentido é certo dizer que a língua é um **trabalho social** empreendida coletivamente por todos os membros da comunidade que a utilizam. (BAGNO, 2014, p. 13-14)

Ressaltar, então, a língua com tais características é, ainda, admitir a existência da mutabilidade dentro das comunidades linguísticas. Surgem aqui, então, as questões dos estudos de língua e fala. A língua, enquanto sistema, tonou-se ciência após os estudos de Fernand de Saussure, considerado pai da linguística moderna. Seus estudos voltaram-se mais para a questão da língua enquanto sistema, porém a linguagem deve ser estudada em todos os seus sentidos, principalmente no que diz respeito a fala. Surge, então, a sociolinguística.

A fala, explicitada por Labov e, no Brasil, por Bagno, por exemplo, consolida-se como uma parte das pesquisas linguísticas de extrema significância social. Este trabalho, guiado à luz destas ciências, explora os conceitos de variação pelas óticas da gramática e da (sócio) linguística.

Assim, trataremos, mais especificamente, das questões sociais e linguísticas em que os falantes são submetidos. Porém, dar-se-á atenção a um fator muito comum nas sociedades contemporâneas, o preconceito linguístico. Que, para Bagno (2013, p. 56) “é a crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria [esta] a língua ensinada nas escolas”.

Estuda-se, aqui, em uma primeira instância, a história e evolução da linguística e sociolinguística. Apresentando, assim, as questões históricas que englobam estas ciências. Além, é claro, da ressalva dos cientistas que exteriorizam cada linha de pensamento, e das questões sociais envolvidas. Logo após, a atenção do trabalho volta-se para as questões de variação e preconceito linguístico, questão maior deste estudo.

LINGUÍSTICA: significado, história e objeto de estudo

A língua é, de fato, viva. Em todos os momentos, a interação social se dá pela comunicação entre falantes. Sejam por meio da escrita, da fala, de gravuras/imagens, gestos ou misturas de todos estes. Dessa forma, cabe ressaltar que a língua(gem) está presente em todos os espaços sociais. E se esses fatos estão presentes no dia a dia, cabe falar deles enquanto ciência.

Os estudos referentes a espaço, sociedade e linguagem buscam explicar a dinâmica social existente na língua. As questões dos estudos linguísticos, tão importantes no cenário atual, por

meio das quais constantes evoluções na língua se tornam cada vez mais frequentes, surgem apenas no século XX, com Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, com estatuto de ciência. (TEIXEIRA, RÉGO, 2019, p. 196)

Temos, portanto, apontamentos teóricos científicos acerca dos estudos referentes à língua e à linguagem. Nasce a Linguística com Saussure e suas considerações ganham destaques nas pesquisas.

A Linguística é, então, “a ciência que procura determinar, com métodos próprios, a estrutura e a função da linguagem humana” (BORBA, 1975, p. 36). Mas, a linguística como conhecemos hoje tem sua trajetória marcada por diversos pensadores, escritores, fases e povos. Apesar de considerarmos os estudos de Ferdinand de Saussure como marco fundamental para ela ser considerada uma ciência, falar de sua gênese é complicado, pois segundo Borba:

pode-se mesmo dizer que a linguística é tão antiga quanto as civilizações. Antes, porém é chegar a seu objeto específico e dotar-se de métodos próprios, passou por diversas fases, que daríamos preparatórias para a linguística moderna. (BORBA, 1975, p. 12)

As fases citadas por Borba (1975) são: fase da gramática, fase da filologia e a fase do comparativismo. Todas elas são pilares de desenvolvimento fundamentais para a compreensão da língua(gem) enquanto ciência.

Nos estudos iniciais, na fase da gramática, citam-se os estudos gregos com questionamentos filosóficos relacionados às palavras. “Heráclito, Pródico e os sofistas do século V a. C. admitem estar no sentido das palavras preso à forma e não é êle apenas convencional” (BORBA, 1975, p. 13). Houve também contribuições dos estudos da gramática de Roma e da gramática hindu da Idade Média. Cabe ressaltar os estudos hindus, pois estes:

superaram os gregos e romanos pelas observações exatas sobre a formação fisiológica de cada som. Processos fonéticos e sons semelhantes são detalhamentos relacionados. (BORBA, 1975, p. 19)

Na fase da filologia destaca-se a significação do objeto de estudo da própria filologia, separando não só a língua como seu objeto de estudo, mas também se diz aqui que ela “ocupa-se da história literária, dos costumes, das instituições etc. e usa método crítico” (BORBA, 1975, p. 21).

Na última fase, a do comparativismo, “entramos propriamente no período científico da linguística. O período anterior ao advento da gramática comparativa pode ser considerado como pré-científico”

(BORBA, 1975, p.22).

Pois, as fases anteriores pressupõem questionamentos filosóficos, apontamentos apenas etimológicos das palavras, e na fase filológica se esquece, inclusive, a fala, tendo os estudos voltados apenas para as pesquisas acerca das palavras escritas.

Vale ressaltar que:

foi Leibniz o primeiro a compreender a utilidade da análise do maior número possível de línguas para se chegar a um completo conhecimento do espírito humano (Ele próprio havia tentado estudos etimológicos, de parentesco e classificação de línguas, que foram publicados após sua morte.) (BORBA, 1975, p. 22)

Assim, esses momentos históricos construíram o arcabouço teórico essencial para a Linguística moderna ser descrita por Saussure. Descreve Petter (2008) que:

é no início do século XX, com a divulgação dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, professor da Universidade de Genebra, que a investigação sobre a linguagem – a Linguística – passa a ser reconhecida como *estudo científico*. Em 1916, dois alunos de Saussure, a partir das anotações de aula, publicam o *Curso de Linguística geral*, obra fundadora da nova ciência. (PETTER, 2008, p. 13)

Assim, formulam-se os estudos científicos da linguagem. Mas, ainda mais importante do que a própria construção da Linguística é, então, a desconstrução do seu objeto de estudo: a língua. Porém, é inexorável falar da língua sem dissociá-la delinguagem.

O campo de ação da linguística é a linguagem, entendendo por este termo o sistema de elementos sonoros de que os homens se servem para comunicar seus sentimentos, volições e pensamentos. É também pela linguagem que os membros de um grupo social atuam entre si. (BORBA, 1975, p. 36)

Todavia, Saussure considerou a linguagem um campo de ação amplo e complexo, ou seja, lato. A justificativa pode ser dada por Petter (2008, p.14) ao afirmar que “a linguagem envolve uma complexidade e uma diversidade de problemas que suscitam a análise de outras ciências, como psicologia, antropologia etc”. E, ainda, verificamos em Bagno (2014) que:

o linguista, ao contrário do falante comum [...], quer ter um conhecimento sistematizado, formalizado, consciente, do que é e de como é a língua para, daí, alcançar voos ainda mais altos e aprender mais sobre o

que é e como é a linguagem humana em geral.
(BAGNO, 2014, p. 63)

Não cabe a ela, então, a função de objeto de estudo da ciência saussuriana. Completa Bagno (2014) que a linguagem é elemento que se encontra ao centro de tudo que é considerado humano. Dessa forma, Saussure justifica de o objeto central da Linguística ser a língua por ela ser algo menor, acessíveis a testes científicos.

A língua, sendo um “meio de categorizar o mundo” (FIORIN, 2015, p.18) é um sistema funcional pelo qual interligamos a linguagem e interagimos socialmente. Dela provêm as gramáticas e a categorização social em cada cultura de cada país. E sua realização/concretização, como explica Fiorin (2015, p. 47), dar-se pela fala.

E todas as cadeias do estudo desta ciência aqui descrita cabem à descrição da linguagem humana por meio dos estudos da língua. Dessa maneira, não compete à Linguística, mesmo com raízes nos estudos gramaticais, a imposição dos modelos da forma de falar. Ela observa e explica as linguagens, seja em esfera menor (com estudos minuciosos de pequenas comunidades com dialetos próprios ou estudos de linguística de texto), seja em uma esfera maior (exemplifica-se como os estudos de variação no Brasil de uma região a outra).

Sociolinguística: os estudos variacionistas

Após a publicação do Curso de Linguística Geral de Saussure, a Linguística passa por diversas mudanças, novos pensadores criam linhas de pensamentos que complementam os ideais saussurianos, como, por exemplo, Chomsky que idealiza a linguagem com um fator biológico.

Com esses novos modelos, surgem os estudos direcionados à linguagem e sociedade. Com isso damos enfoque à Sociolinguística, ciência essencial na compreensão deste trabalho, pois permeia-se os estudos direcionados a língua em seu uso social concretizada (a própria fala) para compreender o preconceito linguístico.

Nos finais da década de 1960, surgiu a sociolinguística, como forma de se opor àquelas teorias que separavam a língua de seu contexto social. A sociolinguística se interessa pela relação entre mudança e variação, isto é, de que modo os usos variáveis da língua levam às mudanças que a língua sofre ao longo do tempo. A sociolinguística veio provar, com dados empíricos, que as diferentes maneiras de falar uma língua (isto é, a variação linguística) têm razão de ser, podem ser perfeitamente explicadas com base em teorização consistente, e que todos os conceitos culturais de “certo” e de “errado” não têm nada a ver com a língua

propriamente, mas com as relações de poder dentro das sociedades. (BAGNO, 2017, p.157)

Os estudos de descrição das línguas são fundamentais. Porém, estudar as línguas em seus contextos sociais devem ser, antes de tudo, presentes nos estudos de linguagem. Contudo, esta realidade deu-se apenas, segundo Monteiro (2000), em 1963, “por uma associação de sociólogos – a *Social Sciences Research Council*”.

Surgem, então, a sociolinguística, uma das áreas de estudo da linguística, que é responsável pelo estudo de relação entre a língua(gem) e a sociedade, tendo em foco a forma com que acontece a comunicação. Mas,

vários ramos do conhecimento humano enfocam o mesmo objeto, a língua. Mas apesar de terem em comum o mesmo conteúdo material, tais ramos se distinguem entre si pela forma como vêm ou analisam a língua. Uma disciplina se diferencia das demais que lhe são correlatas muito mais pelo objeto formal do que pelo objeto material. (MONTEIRO, 2000, p. 27)

Por conseguinte, consideramos que as diversas ciências possuem o mesmo objeto de estudo, porém com análises e interpretações diferentes. Então, atenta-se nesse estudo para a sociolinguística variacionista, verificando a mutabilidade da língua em consideração as mudanças geográficas como causadoras do preconceito linguístico.

William Labov é a peça principal no que tange a sociolinguística variacionista. Como publicação “*Sociolinguistic Patterns*”, na década de 1960, com tradução no Brasil de “*Padrões Sociolinguísticos*”, esta ciência ganha destaque, uma vez que a linguística se articula às ciências humanas para explicar os comportamentos linguísticos-sociais.

Labov foi um pioneiro na abordagem de investigar a relação entre língua e sociedade e desenvolveu o campo de estudos que veio a ser conhecido por sociolinguística variacionista. Segundo ele, a forma como uma língua é falada (e escrita) difere entre indivíduos como também em situações vividas pelo mesmo indivíduo. Labov argumenta que estas diferenças não são apenas normais como também necessárias para o funcionamento de uma língua. (LEITE, 2017, p. 128)

Labov revolucionou os cenários linguísticos. Considerou os estágios mutáveis das línguas, exemplificou-as e explicou a pesquisa variacionista. Então, consideramos neste os fatores da sociolinguística variacionista, onde abranger-se-á diferenças linguísticas, mutabilidade da língua e preconceito se constrói em torno das variantes “não padrões” da língua portuguesa.

O pensamento laboviano concebe a língua como um fato social,

tendo em vista que a linguagem se constrói na/em sociedade. Dessa forma, a tem, então, como seu objeto de estudo, porém considera que ela muda não apenas historicamente, mas em todos os seus fatores.

Pois, para William Labov (2007, p. 2), quando questionado acerca da língua em uma entrevista à revista ReVEL, afirma que a ela é “o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística”. Consequentemente, a língua em uso, o seu próprio acontecimento, ou seja, a fala e as mudanças são as preocupações da sociolinguística. Em outras instâncias, utilizando as palavras de Mollica (2015, p. 9-10) diz-se que a “sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Labov diferencia-se de Saussure pois considerou a língua como um sistema heterogêneo. Já para Saussure a língua como um sistema único e homogêneo, pensar nele é considerar que as comunidades sociais apresentam diversas formas de falar. E essas formas de se falar dependem das variáveis existentes nos grupos de falantes. Embora os seus estudos amparados nas dicotomias por eles abordados, com enfoque maior no estudo da língua enquanto sistema.

Então, para compreender as variáveis linguísticas precisa-se, de antemão, entender que a língua não para, ela muda em todos os aspectos, como já dito. Os seus falantes a modificam em conformidade social às suas necessidades. Para entender melhor, verificamos que em se tratando de relação ser humano e língua devemos entender que:

cada um de nós somos os *produtores, os cultivadores, os preservadores, os transmissores e as os transformadores* dessa língua que nos pertence a cada um de nós como indivíduo e como membro de um grupo social que partilha uma mesma cultura (com suas múltiplas subculturas). (BAGNO, 2014, p. 14)

Dessa forma, entender-se-á melhor as questões que englobam variação e como a sociolinguística enquanto ciência atua em meio ao cenário acadêmico no decorrer do trabalho.

VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Há, ainda, entre diversos falantes de língua portuguesa a concepção da língua enquanto sistema único. Compreendemos, no Brasil, que se fala a língua portuguesa e, dessa forma, levanta-se a bandeira do monolinguismo, ou seja, a concepção de entender a língua enquanto única, composta por regras e sistemas complexos, desconsideramos que existem fatores que podem modificá-la. Explica-nos Bagno que:

Duas perspectivas opostas de estudo da língua estão, portanto, em jogo. De um lado, a que privilegia a *forma* linguística: a gramática, em seus diferentes níveis, e o léxico, em seus campos semânticos. De outro lado, a que tem o uso como mira: a interação linguística, as condições de produção de discurso, os objetivos e estratégias dos usuários, os efeitos de sentido – e de forma- que incidem sobre a cultura e sobre a própria língua. (BAGNO, 2007, p. 14-15)

Aqui, discutiremos a variação nestes dois sentidos, o primeiro gramatical e outro voltado ao estudo da própria variação e das adequações necessárias a comunicação entre os locutores dos discursos/falas. Ainda, nesta parte do trabalho explicar-se-á como as diferentes variações ocasionam situações de desprestígio social.

A variação linguística pela ótica gramaticista

As várias formas de como uma mesma língua atua em seus diferentes contextos em relação aos falantes são impressionantes. Fica fácil verificar a existência da pluralidade das palavras e suas mais diferentes aplicabilidades.

No processo de evolução linguístico hoje, no Brasil, encontramos diversas formas de relação entre palavras. Algumas são deixadas no passado – palavras arcaicas; outras são criadas e reinventadas com o passar dos tempos – os neologismos; e também elas podem ser usadas de formas diferentes – questões das variações diafásica, diatópica, diastrática e histórica; etc. Bagno vai além disso e explica que:

Assim como o uso do cachimbo deixa a boca torta, segundo o ditado popular, os usos da língua agem sobre ela: criam formas de expressão novas para novas situações; ativam possibilidades nunca antes exploradas e até então consideradas agramaticais – como “imexível” do ex-ministro Magri ou as criações de Guimarães Rosa e de outros escritores; dão certas expressões o estatuto de modelos, criando formas prontas, expressões idiomáticas, clichês; elegem, entre um certo número de realizações possíveis, uma que, mesmo não sendo exclusiva, será preferencial (como dizer “João e Maria, evitando “Maria e João”); e assim por diante. (BAGNO, 2007, p. 13)

Tratamos, pois, aqui das variantes linguísticas, que são as diferentes formas de como uma mesma língua é utilizada. Ela é o principal fator dos ocorrentes preconceitos linguístico dentro de uma sociedade

Do ponto de vista gramaticista percebemos a língua com duas vertentes que são paradoxais, a modalidade oral e a escrita. Assim:

Uma língua pode ser falada ou escrita, conforme se utilizam signos vocais (expressão oral) ou signos gráficos (expressão escrita). A primeira é viva e atual, ao passo que a segunda é a representação ou a imagem daquela. A língua falada é mais comunicativa e insinuante, porque as palavras são fortemente subsidiadas pela sonoridade e inflexão da voz, pelo ritmo da frase, pelo jogo fisionômico e a gesticulação (mímica), recursos estes que a língua escrita desconhece. O discurso de um orador inflamado é muito mais belo e empolgante ouvido do que lido. Por outro lado, a expressão oral é prolixa e evanescente, ao passo que a escrita é sóbria e duradora. (CEGALLA, 2012, p.640)

Considera-se então a língua portuguesa, que apesar de sua gramática impor a forma “correta” como devemos falar e escrever, as variações na modalidade oral da língua são uma realidade causal em todas as suas esferas, sejam elas regionais ou sociais. Conclui Cegalla (2012) que o grau de instrução do usuário da língua portuguesa, sua profissão, o meio em que vive, a camada social a que pertence são fatores que atuam fortemente no fenômeno da variação do idioma, como já foi afirmado anteriormente.

Porém, o que os estudos gramaticais normativos vão chamar de modalidade oral e escrita da língua portuguesa, na sociolinguística fala-se das variáveis linguísticas.

Para os primeiros intelectuais que se dedicaram ao estabelecimento e fixação de regras gramaticais – os filólogos da cidade de Alexandria, no Egito, no século III a.C. –, a variação era um “problema”, era um “defeito”, da língua, que precisava ser corrigido. Como eram admiradores da grande literatura do passado, na opinião deles, essa modalidade de língua – a escrita literária consagrada – é que deveria servir de modelo para toda e qualquer pessoas “cultas” que quisesse se expressar de modo “socialmente aceitável” em grego”. (BAGNO, 2007, p. 87)

Então, deve-se distanciar duas realidades que, apesar de caminharem juntas, possuem formas de verem a língua enquanto sistema e seu uso social de forma dicotômica. Nos estudos gramaticistas impera a realidade do que é certo e do errado. Tudo que está na gramática normativa e em seu modelo é considerado correto, ao contrário disso, é errado.

A variação pela ótica sociolinguística

Na sociolinguística, diferentemente dos estudos gramaticais, não se discute o afastamento da modalidade padrão da língua como errado. Nesse sentido se trabalha a língua como um instrumento da comunicação. Pois:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente **heterogênea**, *múltipla, variável, instável* e está sempre em desconstrução e em construção. (BAGNO, 2007, p. 36)

Não há, aqui, certo ou errado, falamos apenas em variações e as adequadas variações para cada situação a fim que haja comunicação entre falantes. E, em todos os seus aspectos, considera-se as várias formas de um mesmo dizer como variação, porque “a língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita” (BAGNO, 2007, p. 36).

Dessa forma, dizemos que “toda língua varia” (BAGNO, 2015, p. 19) e “toda língua muda” (BAGNO, 2019, p. 21). Estas duas ideias propostas por Bagno em sua novela sociolinguística “A língua de Eulália” afirma-se a “mutabilidade” da língua. A língua varia em todos os contextos, como explica Bagno (2015), sejam eles morfológicos, fonéticos, sintáticos, lexicais, semânticos e no próprio uso da língua (p.19). Pelo fato dela mudar, surgem as diferenças linguísticas.

As variações da linguagem são retratadas de diversas formas. Uma faceta muito comum é a retratação histórica. Quando pensamos, por exemplo, em como é a língua portuguesa brasileira hoje, podemos considerar todo o percurso histórico percorrido até aos dias atuais. A exemplo o vocábulo “rapariga”, que outrora no Brasil significava mulher no período da adolescência ou moça, sendo o feminino de rapaz, mas que, entretanto, resignificou-se e hoje, em boa parte do território nacional, é entendida como “meretriz” ou “prostituta”, compreendida pelos falantes como um insulto.

Outras mudanças linguísticas que são de possível observação diária, sem a necessidade da reflexão histórica, são as geográficas. Estes dizem respeito à capacidade da mutabilidade da língua em reorganizar e transformar-se de acordo com os fatores regionais. Pensar, por exemplo, na linguagem falada no estado do Maranhão é considerar as variações linguísticas maranhenses e suas nuances - da mesma forma em outros territórios. Essa forma de variação acontece, também, não apenas com as delimitações estatais. Cada região, conforme a vivência dos usuários

das línguas, têm suas marcas linguísticas e organizam-se em torno delas.

Considerando estes fatores, falamos então que “as variações linguísticas fazem parte dos usos cotidianos da língua” (TEIXEIRA & RÉGO, 2019, p. 198).

Então, afirma-se que no uso diário da linguagem há um condicionamento dos falantes sobre a própria.

Exemplificando, assim, esta faceta social da língua, pode-se utilizar, como exemplo, a questão do uso de uma língua mais simples no meio rural, com variações dos vocábulos considerados mais marcados. Ou, ainda, a utilização da norma culta em um julgamento – sendo que, aqui, há a busca por um vocabulário mais rebuscado com termos próprios e judiciais.

O preconceito linguístico: uma questão social

Definido “como um conjunto de ideias sobre a língua e o uso da língua que reproduzem as hierarquias sociais e as dinâmicas de poder dentro da sociedade” (BAGNO, 2017, p. 158), o preconceito linguístico é um fato corriqueiro no dia-a-dia dos sujeitos. Principalmente no Brasil, um país marcado por diferenças sociais em demasia.

Para Bagno (2013, p. 23) o preconceito linguístico é muito poderoso. Assim, explica-se que em uma sociedade que se fala tanto nas formas de preconceito, quase nunca é falado no linguístico. Sendo que “no fundo, o preconceito linguístico é só uma das muitas facetas do preconceito social mais amplo” (BAGNO, 2017, 158).

Bagno faz essa ressalva para explicar que é por meio da linguagem que a concretização dos preconceitos se dá. Sendo, assim, a língua/fala um fator que pode ser utilizado como objeto de hierarquização social.

Em sua obra, ele exemplifica mitos que compõem a historicidade da língua portuguesa no Brasil. Este estudo apropria-se das variações linguísticas geográficas como fator para o preconceito linguístico. Então, o preconceito linguístico consiste na ideia única de que há, apenas, um modelo aceitável de língua.

Ainda, de acordo com Bagno (2013) a perpetuação do preconceito linguístico existe em decorrência das ideias impostas por autores em obras ditas e renomadas gramaticais. Como exemplo, Bagno (2013) cita o professor Napoleão Mendes de Almeida. Este gramaticista defendeu, em vida, a ideia da intolerância gramatical. Escreve Bagno que:

O mais respeitado e renomado propagador do preconceito linguístico por meio de *comandos paragramaticais* no Brasil foi, durante longas décadas, o professor Napoleão Mendes de Almeida, até falecer no começo de 1998, aos 87 anos. Ele nunca escondeu sua intolerância e seu autoritarismo em suas colunas de jornal, e é fácil verificá-lo nas mais de 600 páginas de

seu Dicionário de questões vernáculas. (BAGNO, 2013, p. 99-100)

Por meios dos escritos de Napoleão Almeida, Bagno relaciona o preconceito linguístico com os demais preconceitos sociais. Já que, o próprio Napoleão Mendes disserta apresentando termos vulgares e, até mesmo, deploráveis com comunidades não alfabetizadas que possuem uma afinidade com a língua que não seja gramatical.

Fala Bagno (2013) novamente que:

basta esse parágrafo para demonstrar que, além do preconceito linguístico, está aí manifestado um profundo preconceito social. Em outras passagens do livro, ele fala novamente de “língua de cozinheiras” e de “infelizes caipiras”. (BAGNO, 2013, p. 100)

Ainda, apresentando um critério elitista, o escritor gramatical apresenta-se, inclusive, contra os escritos literários produzidos após a morte de Machado de Assis, em 1908.

Para Napoleão Mendes de Almeida, a literatura brasileira morreu em 1908, junto com Machado de Assis. Toda a vasta produção do Modernismo e dos períodos seguintes é merecedora de seu mais profundo desprezo. (BAGNO, 2013, p. 100)

Nesse contexto, para justificar-se, Napoleão escreve que:

Escritor é o que tem forma e conteúdo; aquela terá quem conhecer o idioma; este, quem tiver erudição e, principalmente, cultura. Se somente a forma, temos o frívolo; se somente o conteúdo, temos o técnico; se as duas coisas, temos o escritor; se nenhuma delas, teremos o... modernista. (ALMEIDA, apud BAGNO, 2013, p. 100-101)

Foi por meio de escritores como Napoleão Mendes que o mito da existência de uma variante melhor, mais bonita e mais correta continua fundamentando-se. E esta variante será sempre a “correta”, a que segue um a critérios de regras escritas em um livro cujo nome sempre será a gramática.

Há, ainda, outros exemplos de autores que se fundamentam na ideia da existência de uma variante única como adequada, cita Bagno (2013) a exemplo a obra “não erre mais!”, de Luiz Antônio Sacconi.

Por meio destas ideias, impera, ainda, as ideologias existentes de linguagem mais culta e outra mais vulgar. Desconsiderando, então, a ideia da evolução da língua e das mudanças regionais. Os usuários que se utilizam da ideia de preconceito linguístico possuem a ideia de que as

linguagens consideradas “vulgares” não têm lugar social – sendo que na verdade são, apenas, desprestigiadas.

As formas inicialmente desprestigiadas, condenadas, passam a ser valorizadas quando as camadas dominantes da população se utilizam delas. Por isso, é bom ter cuidado na hora de condenar alguma forma linguística inovadora surgida nos meios populares. (BAGNO, 2013, p. 62)

Então, não é válido considerar as variações implícitas na linguagem como erros ou, ainda, como verificadores de prestígio social.

Ademais, o preconceito linguístico compõe toda uma camada social. Dessa forma, para Bagno (2013) é necessário, segundo sua obra, uma desconstrução desse hábito pertinente entre os falantes. Segundo ele é de extrema necessidade uma mudança de atitude, sendo que, para isso, é necessário que:

cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria *autoestima linguística*: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. (BAGNO, 2013, p. 140)

Portanto, é importante romper com paradigmas sociais que circundam os conceitos em torno dos preconceitos de origem linguística. Mesmo que, para isso, seja necessária uma reeducação em torno do ensino de língua materna e dos comportamentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem é indispensável às interações humanas, sem ela toda a conjuntura social estaria ameaçada. Dessa forma, entrelaçar os estudos de linguagem e sociedade é, antes de tudo, falar de sociolinguística e das suas contribuições sociais. Contudo, é indispensável compreender que os estudos sociolinguísticos possuem sua história alicerçada aos estudos linguísticos e a Saussure, uma vez que, sem as contribuições para a linguística moderna, estaríamos, pois, atrasados no que diz respeito às ciências da linguagem.

Assim, compreender a sociolinguística é entender que as línguas possuem uma dinâmica viva. Tendo a capacidade de mudar de acordo com os fatores que as moldam. Dessa forma, a idade, o sexo, a localidade, as classes sociais, dentre outros fatores, são cruciais a forma

que a língua(gem) do sujeito se apresentará ao final.

Ainda, em determinação das variações linguísticas, o preconceito linguístico nasce. Sendo que ele é a crença de que apenas uma forma de usar uma língua é correta. Nesse contexto, este trabalho observou a capacidade da variabilidade da língua junto a crença social do preconceito linguístico em um fator de observação mais limitado.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variaçãolinguística. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. – 55ª ed. – São Paulo:Edições Loyola, 2013.
- _____. **Língua, linguagem, linguística**: pondo os pingos nos ii. – 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- _____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. Ed., 4ª reimpressão. – SãoPaulo: Contexto, 2015.
- _____. Entrevista com Professor Dr.º Marcos Bagno. In: LUCENA, Josete Marinho de; SILVA, Silvio Profirio da. Revista de Letras JUÇARA. v. 01, n. 02, p. 152 – 161,Dez. 2017.
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. 4.ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1975.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. Ed.rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- FIORIN, José Luiz. Linguagem humana: do mito a ciência. In: FIORIN, José Luiz.
- Linguística? O que é isso?** – São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 1, p. 13 – 43.
- _____. As línguas no mundo. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** – São Paulo: Contexto, 2015. Cap. 2, p. 45 – 73.
- LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 5,n. 9, agosto de 2007, p. 1 – 3.
- MOLLICA, Maria Cecilia Mollica. Fundamentação teórica: conceituação

e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luzia. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. – 4 ed. 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

MONTEIRO, José Lemos. **Pra compreender Labov**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística**: I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. 1, p. 11–24.

TEIXEIRA, Daniel dos Santos; RÉGO, Safira Ravenne da Cunha. Marcas linguísticas nordestinas presentes na obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto: análise das designações. Cadernos Cajuína, V. 4, N. 1, 2019, p.194 – 207.